

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO**

**A construção do herói como instrumento de influência ética**

**Autor: Daniel Tenuta**

**Prof. Orientadora Marisa Cândido**

**São Paulo, setembro de 2012**

## Resumo

Tropa de Elite foi um fenômeno de exibição em cinemas e DVDs, uma audiência eletrizada por ação hollywoodiana cadenciada pelos velhos problemas sociais de nosso país, da pobreza ao tráfico de drogas. Capitão Nascimento incorpora um tipo raro de herói incorruptível no Brasil, que exerce justiça mesmo vítima do próprio sistema. A construção de heróis incorruptíveis podem se tornar uma valiosa ferramenta para influenciar na educação de gerações.

## Abstract

Elite Squad was a phenomenon of exhibition in theaters and DVDs, an electrified audience for Hollywood action cadenced by the old social problems of our country from poverty to drug trafficking. Captain Nascimento incorporates a rare type of incorruptible hero in Brazil, which exercises justice even was a victim of the system. The construction of incorruptible heroes can become a valuable tool to influence the education of generations.

## Introdução

Para atravessar um perigoso labirinto que nenhum homem retornara com vida, onde habitava um grande monstro chamado Minotauro, Teseu precisou de coragem e um fio de linho, presenteado por Dédalo. O homem moderno usaria um GPS, uma armadura de kevlar e um armamento pesado que incluísse bombas e metralhadoras de alta precisão. E a esperança e ousadia permanecem, muitas vezes, como valores incompreendidos em nosso tempo.

Esta luta insaciável da humanidade pelo controle do poder e entendimento do além proporcionaram o desenvolvimento de diversas epopeias, mitos, panteões, sincretismos e ideologias. Todas têm algo em comum: Um herói, compreendido por todos ou totalmente utópico.

“A benção trazida das profundezas transcendentais torna-se racionalizada, rapidamente, em não existência, e aumenta em muito a necessidade de outro herói para renovar a palavra... Eis a última e difícil tarefa do herói. Como retraduzir, na leve linguagem do mundo, os pronunciamentos das trevas, que desafiam a fala?”  
(Campbell, 1993, p.214-215)

## Objetivos

O herói é um poderoso instrumento para representar valores morais fundamentais a uma sociedade ou comunidade através das narrativas. Faz-se necessário o uso mais intenso de heróis nos produtos literários e audiovisuais para construir símbolos de superação e de procedimento ético em um país que amarga com a corrupção e carente educação. Este artigo científico pretende apresentar como o uso da figura do herói ético pode trazer esperança a uma nação, caso sua construção seja eficiente na linguagem e no conteúdo.

## Métodos

A desconstrução do protagonista da trama Tropa de Elite, filme dirigido por José Padilha, fundamentará a discussão sobre um herói popular, humano, que supera seus conflitos pessoais em busca da justiça em um complexo sistema de segurança estadual.

Capitão Nascimento é uma pretensão brasileira de um herói com aspectos humanos comuns, que enfrenta limitações naturais de um cidadão mas que precisa realizar seu dever, no caso, exterminar bandidos (exercício legal da violência) e promover a segurança nos morros do Rio de Janeiro.

A sociedade precisa do policial de elite para exercer justiça, fornecendo a ele autoridade para agir com violência em um princípio inverso de Robin Hood, personagem que tirava dos ricos para dar aos pobres, ou seja, neste caso não existe este princípio de tirar ou dar, simplesmente deve matar os bandidos em um ciclo vicioso de violência. E mais, este policial se afasta do xerife norte-americano moderno que tem o hábito de corrigir os cidadãos com uma simples conversa.

Capitão Nascimento é produto de um meio social corrupto que optou pela incorruptibilidade. Seu inimigo é o tráfico de drogas, que é subsidiado pelos ricos através do consumo e amparado pela corrupção política visceral.

Para justificar as características de um herói bem sucedido em nossa cultura é necessária uma pesquisa profunda sobre o herói mitológico, que dá origem aos clássicos modernos, como também da análise semiológica da construção de personagens eficientes em tramas que objetivam uma lição ética-moral.

## Desenvolvimento

Deixar o reino fantástico para trazer a iluminação à sua comunidade no mundo decadente é o mais intenso desafio do herói. Para chegar a sua própria iluminação esclarecedora, ele precisou passar por um ou mais ritos de passagem: separação-iniciação-retorno – que segundo Campbell, chama-se unidade nuclear do monomito:

“Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontre fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.” (Campbell, 1993, p.36)

Neste modelo encaixa-se o protagonista da trama Tropa de Elite, um competente líder desta unidade especial da Polícia chamado Capitão Nascimento. A jornada dos soldados desta tropa passa por um complexo ritual físico-psicológico demonstrado no filme: A separação da sociedade, por ser um cidadão não corrupto e não fraco; a iniciação, em um treinamento agressivo, cheio de símbolos (como o enterro dos desistentes), fortalecimento físico e psicológico onde só os mais capacitados e resistentes permanecem; com símbolo caveira em sua farda preta e um veículo brutal chamado de “Caveirão”, anuncia seu retorno à sociedade como um soldado de elite pronto para libertá-la da violência, o algoz da ordem e do progresso.

O Capitão Nascimento é um produto de um meio social corrupto que optou pela incorruptibilidade. Não significa que os métodos de ação da polícia de elite sejam éticos, afinal, a sociedade autorizou o exercício legal da violência, ou seja, a tropa está autorizada a executar a morte dos meliantes dos morros em prol da segurança do Estado. Neste ponto, o herói se reduz a um mercenário, financiado pela mesma sociedade que financia o tráfico de drogas através do consumo:

Segundo pesquisa do Centro de Políticas Sociais da FGV, 62% dos entrevistados que consomem drogas ilegais (maconha, cocaína e lança perfume) pertencem à classe A (renda superior a 20 salários mínimos), 83% dos usuários estudam em colégios particulares, 85% são brancos e 80% moram com os pais.

Termo peculiar à violência acometida nos morros ilustram questões étnicas: Um soldado da tropa de Elite é chamado de Alemão, alusão à etnia branca. Sendo assim, se um negro usa farda dos “caveiras”, passa a uma nova classe étnica, os tais

“alemães”. Em um país de desigualdade ainda evidente, existe ainda a possibilidade do cidadão pobre nas comunidades serem seduzidos pelo crime.

Segundo Censo 2010 do IBGE, no Brasil o percentual de analfabetos entre negros (14,4%) e pardos (13,0%) era, em 2010, quase o triplo dos brancos (5,9%). Os rendimentos médios mensais dos brancos (R\$ 1.538) e amarelos (R\$ 1.574) se aproximam do dobro do valor relativo aos grupos de negros (R\$ 834), pardos (R\$ 845) ou indígenas (R\$ 735).

“É que, quando acreditamos que o Brasil foi feito de negros, brancos e índios, estamos aceitando sem muita crítica a ideia de que esses contingentes humanos se encontraram de modo espontâneo, numa espécie de carnaval social e biológico. Mas nada disso é verdade. O fato contundente de nossa história é que somos um país feito por portugueses brancos e aristocráticos, uma sociedade hierarquizada e que foi formada dentro de um quadro rígido de valores discriminatórios”. Resume Roberto DaMatta. (DaMatta, 1989, p.46)

Ascensão social está atrelada à observação de homens de sucesso que superaram suas limitações históricas e alcançaram patamares superiores. Mas nem sempre são heróis éticos. Para o garoto pobre de um morro, o herói deveria ser seu pai que se supera a cada dia pela sua longa jornada de trabalho, mas há o risco de o herói ser o detentor do tráfico de drogas e de um contingente armado, caso seus referenciais familiares sejam limitados.

Em entrevista a Bill Moyers em 1988, que deu origem ao DVD *O Poder do Mito*, Joseph Campbell exemplifica as referências arquitétonicas de uma sociedade: Na idade média, os prédios mais altos eram eclesiásticos. No século 17, eram os Capitólios e prédios políticos. Na era contemporânea, são os prédios comerciais. Seguindo esta lógica, pode-se fazer uma alusão de que para um garoto entregador de drogas na favela, o ponto mais alto é o topo do morro, referência máxima de habitação dos donos do tráfico.

Na mesma entrevista, Campbell afirma que a constituição do herói está atrelada a um mentor ou o herói pode surgir a partir de uma necessidade de uma comunidade. A necessidade torna-se mentora:

“Exemplo típico é o de Terry, a personagem desenhada por Milton Caniff. Aventureiro cujas proezas tiveram início em 1934, popular por uma série de ambíguas vicissitudes nos mares da China, Terry a tal ponto se tornara o ídolo do público norte-americano que, ao eclodir a guerra, foi necessário da noite para o dia restituir-lhe uma virgindade que de fato ele jamais possuía; transformou-se, assim, em combatente regular,

nutrindo a imaginação dos soldados na frente de batalha e das famílias em ansiosa expectativa.” (Eco, 1976, p.245)

Além de Terry, na mesma época, mais precisamente em 1938, surge o Superman, alienígena de força e velocidade ilimitada, com olhos emissores de raios-X e os cinco sentidos ampliados, tudo isso escondido em um jornalista tacanho chamado Clark Kent, tímido, míope e apaixonado pela colega Louis Lane. Eco traduz este potencial:

“Clark Kent personaliza, de modo bastante típico, o leitor médio torturado por complexos e desprezado pelos seus semelhantes; através de um óbvio processo de identificação, um *accountant* qualquer de uma cidade norte-americana qualquer, nutre secretamente a esperança de que um dia, das vestes da sua atual personalidade, possa florir um super-homem capaz de resgatar anos de mediocridade”.  
(Eco, 1976, p.248)

Não se pode negar a importância de um herói como Superman na influência de toda uma sociedade em crise econômica envolvida em uma guerra mundial sem precedentes. A esperança de superação ou de se tornar um herói permeava a mente de diversos soldados leitores, como também das famílias que esperavam angustiosamente a volta de seus heróis após a batalha.

Da mesma forma, as religiões exploram suas histórias mitológicas para motivar seus fiéis a cumprir seus destinos ou missões aqui na Terra.

“O indivíduo, por meio de prolongadas disciplinas espirituais, renuncia completamente aos vínculos com suas limitações e idiossincrasias, esperanças e temores pessoais, já não resiste à auto aniquilação, que constitui o pré-requisito do renascimento na percepção da verdade, e assim fica pronto, por fim, para a grande sintonia.”  
(Campbell, 1993, p.231)

Um exemplo é o crescimento dos cristãos evangélicos no Brasil. Segundo IBGE, em 30 anos, percentual de evangélicos passou de 6,6% para 22,2% da população. Um dos motivos, além do uso de meio de comunicação de massas, é o tipo de discurso agregado ao desenvolvimento pessoal, como palestras sobre aprimoramento profissional, autoajuda e preservação familiar. As religiões pretendem aprimorar seus fiéis além de conduzi-los a fé comum, não é à toa que usa seus heróis literários para exemplificar a possibilidade da superação humana através da esperança.

Uma condição comum para o herói ser eficiente é a aproximação dele à realidade humana. Heróis sensíveis, com fraquezas, limitações, que cometem excessos, mas, no final das contas, são iluminados pelo arrependimento e continuam a busca pelas

conquistas. Observa-se em Cap. Nascimento um homem que dá a vida pela comunidade e sacrifica seu casamento, sua própria família.

“O fenômeno da tipicidade não interessa tanto à “ontologia” da personagem, quanto à sua “sociologia”: a tipicidade não é um dado objetivo que a personagem deva adequar para tornar-se esteticamente (ou ideologicamente) válida, mas resulta da relação de fruição entre personagem e leitor, e um reconhecimento (ou uma projeção) que o leitor realiza diante da personagem” (Eco, 1976, p.216-217)

Aristóteles afirmou que a estruturação da personagem parte da *mimese*, no sentido de dar vida aos fatos, não simplesmente imitá-los, e a ação deve ser um esclarecimento recíproco entre personagem, discurso empregado e o leitor. A fisionomia da personagem típica deve ser completa, individual, intelectual, moral e épica, afinal, uma obra sempre visa se tornar épica. Lukacs reforça este ponto, afirmando que mesmo que a história seja utópica, ela deve ir de encontro às tendências interiores dos leitores.

Quanto a um produto dirigido às massas, entende-se que sua sensibilidade é dirigida pela sociedade industrial atualmente. Algo mais antigo do que se pensa: Desde a pré-história, o homem constrói símbolos de status, como o desenho de um bisonte em uma caverna. É uma natural projeção do que o homem gostaria de ser ou ter. Hoje, isto se traduz em ter um padrão de vida elevado, um objeto de compra desejado por todos ou simplesmente o acúmulo de poder. Por isso são símbolos, reconhecidos facilmente por todos os membros de uma comunidade. Será incomum uma multidão de jovens desejarem ser um Capitão Nascimento após assistirem o filme Tropa de Elite?

## Resultados

O processo estético está no produto, não no processo de criação, assim alerta Bakhtin sobre o perigo da projeção do autor em uma personagem na trama. A função do autor é esclarecer a figura do homem autor. Por mais que se esconda na figura do personagem herói, ambos são de origens diferentes e possuem pontos de vista diferentes na narrativa, daí a necessidade da cautela para respeitar o processo estético da criação do herói e não impor características pessoais nele.

O herói já é esteticamente acabado, diferente do autor que ainda vive e não sabe seu futuro. A morte define quem é o autor, assim ele nunca saberá sua definição, apenas os que convivem com ele. O herói não precisa da morte, já é desde a criação

completo. O autor não pode enxergar através dos olhos do herói, pois precisa observar toda a trama ao redor. Cap. Nascimento está ciente de seu desafio: Encontrar um sucessor para dar continuidade ao seu trabalho e assim tentar salvar o que resta de seu casamento.

Bakhtin completa a análise da observação do herói com um exemplo interessante: Imagine que um indivíduo esteja observando outro indivíduo. O primeiro indivíduo consegue observar os limites entre o segundo indivíduo e o espaço circundante. Consegue ver o rosto e as reações musculares em cada situação. Entretanto, o indivíduo não consegue ver seu próprio rosto, nem o que está atrás de si muito menos tudo o que está ao redor em apenas uma tomada. Assim observa o autor o seu herói, um processo chamado de contemplação estética.

Após a construção do herói, opta-se pela narrativa como modalidade discursiva mais adequada para estudar o imaginário, porque não pertence à categoria da experiência vivida, mas às construções imaginárias sobre tais experiências. A narrativa é a expressão das práticas sociais do grupo com seus respectivos valores contido no “já dito”, que por sua vez é a expressão da relação do indivíduo com estes mesmos valores, segundo análise de Gilbert Durand na obra *A Imaginação Simbólica*. Sem dúvida, uma das coisas mais ditas no Brasil é a violência nos morros do Rio de Janeiro.

Unindo a concepção do herói semiologicamente com o poder simbólico das narrativas, sabe-se que o objetivo do herói sempre será trazer a experiência superior aos membros de sua comunidade.

“Seja resgatado com ajuda externa, orientado por forças internas ou carinhosamente conduzido pelas divindades orientadoras, o herói tem de penetrar outra vez, trazendo a benção obtida, na atmosfera há muito esquecida na qual os homens, que não passam de frações, imaginam ser completos.” (Campbell, 1993, p. 213).

Após retorno, concretiza-se a tarefa do herói: Traduzir na leve linguagem do mundo os pronunciamentos do reino fantástico. O primeiro desafio é não desistir do mundo decadente, culminando no retorno ao seu reino fantástico e usufruí-lo. O herói tem que ter paciência para conduzir o mundo à luz. O herói é exemplo de contemplação, um exemplo a ser seguido.

No reino da vida, toda criatura vive da morte da outra. O alvo do mito é reconciliar a consciência individual com a vontade universal. Não é à toa que os construtores da



lenda devem inventar aventuras apropriadas para provar as façanhas da figura do herói. Este ciclo fecha-se na necessidade do Cap. Nascimento em formar um sucessor, alguém que mantenha a execução de bandidos para preservar a vida dos outros cidadãos.

Como o caminho da participação social pode levar, no final, a uma percepção do todo no indivíduo, assim também o exílio leva o herói a encontrar o Eu e o tudo. O herói deve se atentar ao que ocorreu no passado para não se tornar o tirano de amanhã, para isso precisa se crucificar hoje.

Mas para que heróis? Porque vale a pena escrever sobre alguém que realizou algo excepcional acima da experiência comum. O herói dá a vida por algo maior.

Há o herói físico, o sobre-humano que salva. Há o herói espiritual que vive algo fantástico em outra realidade e volta para contar aos outros. Independente do tipo, o herói precisa morrer na sua condição para viver uma condição superior. Por isso, ele é moral, pois se sacrifica pelo seu povo, por uma ideia ou por uma pessoa.

O herói dá sentido ao campo dualístico do tempo: Se há bem, existe mal a combater, se há vida, existe uma morte recorrente, se há passado é porque há perspectiva de futuro. Se o herói guiado pela fantasia aos moldes célticos, ou responsável por uma missão ao gosto grego, o herói humaniza o sonho dos outros humanos. Qual herói é procurado pelo brasileiro? O malandro?

“A malandragem, assim, não é simplesmente uma singularidade inconsequente de todos nós, brasileiros. Ou uma revelação de cinismo e gosto pelo grosseiro e pelo desonesto. É muito mais que isso. De fato, trata-se de um modo – jeito ou estilo – profundamente original e brasileiro de viver, e às vezes sobreviver...”  
(DaMatta, 1989, p. 104)

Muitos personagens são conhecidos na sociedade brasileira pelos aspectos da malandragem, dentre eles: Macunaíma, Zé Carioca, Azambuja (personagem de Chico Anysio), João Grilo em o Auto da Compadecida, Zé Pequeno do filme Cidade de Deus, os policiais corruptos de Tropa de Elite, sem contar que quase em todas as novelas algum personagem possui este estereótipo, um processo de reafirmação deste modo social de viver.

O brasileiro pode procurar também o herói na religião, como exemplifica DaMatta:

“Nós, brasileiros, temos intimidade com certos santos que são nossos protetores e padroeiros, nossos santos patrões; do mesmo modo que temos guias certos orixás ou espíritos do além, que são nossos protetores... O que para um norte-americano

calvinista, um inglês puritano ou um francês católico seria sinal de superstição e até mesmo de cinismo ou ignorância, para nós é modo de ampliar as nossas possibilidades de proteção.” (DaMatta, 1989, p.114-115)

E se construíssem heróis nas narrativas, sejam literárias ou audiovisuais, para criar relações com os cidadãos a tal ponto de influenciar para práticas éticas e morais? Melhor que continuar a fábrica de diversos capitães Nascimento que entram na favela para exterminar com autorização da mesma sociedade que cria os monstros da violência. No mesmo estudo da FGV citado, claramente a população envolvida no tráfico de drogas e que ocupa majoritariamente as penitenciárias são jovens de baixa renda.

Jovem sem a formação cidadã adequada fica exposto aos fascínios da violência e do dinheiro ilícito fácil, ora por falta de referenciais parentais em sua casa, ora pelo precário acesso à educação e à informação. Sem as referências adequadas e intervenção eficiente do Estado, o crime organizado adota o jovem sem perspectivas. Um ciclo vicioso entre a classe alta que financia o tráfico e extermina seus vassalos; e a classe baixa que é refém do mercado proibido por falta de perspectivas.

### Considerações Finais

Uma força tarefa inteligente do Estado aliada aos meios de comunicação para produção de narrativas audiovisuais que possuam personagens mais bem acabados e próximos da realidade, verdadeiros heróis que exemplificam a superação sobre a violência e a pobreza, são uma opção poderosa em eficiência para construir uma geração mais cidadã.

Quanto à questão comercial, trabalhar com o imaginário de forma agradável e criativa é tão eficiente quanto se rebaixar ao popularesco. O foco é pensar no que se deseja no momento: Uma geração futura moral e ética ou uma geração de valores corrompidos. Se a última opção manter-se, a fábrica de capitães Nascimento trabalhará a todo vapor.

### Fontes Consultadas

#### Referências bibliográficas:

BAKHTIN, M.M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. São Paulo: Editora Pensamento, 1993.
- CAMPOS, Flávio de. Roteiro de cinema e televisão: A arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.
- DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1989.
- DURAND, Gilbert. A Imaginação Simbólica. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.
- ECO, Umberto. Apocalípticos e Integrados. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- HELBO, André. Semiologia da representação: Teatro, televisão, história em quadrinhos. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- STROGOLI, Maria T.Q. As estruturas profundas do Imaginário Infantil. Tese de mestrado: FEUSP, 1983.
- Referências audiovisuais:
- ANDERSON, Paul W.S. Os três mosqueteiros. EUA. 2011.
- MOYERS, Bill. O Poder do Mito, Estados Unidos da América, 1987, 354 mins., DVD distribuído por Log On Editora e Multimídia. Entrevista concedida por Joseph Campbell.
- PADILHA, José. Tropa de Elite. Rio de Janeiro. 2007.
- Referências eletrônicas:
- Indicadores Sociais Municipais (IBGE):  
[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores\\_sociais\\_municipais/indicadores\\_sociais\\_municipais.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/indicadores_sociais_municipais.pdf)
- O Estado da Juventude (FGV): <http://www.cps.fgv.br/ibrecps/EDJ>
- Religião no Brasil (IBGE 2010):  
[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2170](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170)